

Cartilha **Monkeypox**

Conhecer
para prevenir,
informar para
não estigmatizar



**Instituto
Matizes**



**FÓRUM DE EMPRESAS
E DIREITOS LGBT+**



Fundo de População
das Nações Unidas



Grupo Fleury

Cartilha

Monkeypox

Conhecer
para prevenir,
informar para
não estigmatizar



Instituto
Matizes



FORUM DE EMPRESAS
E DIREITOS LGBT+



Fundo de População
das Nações Unidas



Grupo Fleury

Apresentação



Esta cartilha é parte de um conjunto de ações do Instituto Matizes sobre a chegada da “monkeypox” ao Brasil, envolvendo uma pesquisa, um relatório amplo com os resultados da pesquisa, e uma campanha para mídia e redes sociais. Nosso objetivo é contribuir para disseminar informações corretas a respeito da doença, orientar sobre as melhores práticas no manejo de pessoas eventualmente infectadas em ambientes de trabalho, serviços de saúde e, também, sobre encaminhamentos e abordagens da “monkeypox” nos meios de comunicação e pelos movimentos sociais.

Sobretudo, esta cartilha quer ser um instrumento para combate ao preconceito, à discriminação e à estigmatização de pessoas LGBTI+ em relação à “monkeypox”, conscientizando sobre prevenção, formas de transmissão, o que fazer em caso de contato com o vírus, e outras informações úteis. Esperamos, assim, colaborar para ambientes mais dignos, respeitosos e saudáveis para todos e todas.



O que é “Monkeypox”?

“Monkeypox” ou “Nova Variola” é uma rara zoonose causada pelo vírus monkeypox, que pertence ao mesmo grupo de outros vírus causadores da varíola humana. Já conhecida e considerada erradicada em 1977, a varíola humana citada tem até então se mostrado muito mais transmissível e grave que a “monkeypox”, tendo levado à morte pelo menos 30% das pessoas acometidas ao longo dos anos.

Seus sintomas são semelhantes aos observados no passado em pacientes com varíola, embora clinicamente menos graves (**febre, erupções na pele e linfonodos inflamados - conhecidos como ínguas**)¹. O aparecimento de sintomas não é suficiente para diagnosticar se alguém foi infectado pelo vírus “monkeypox”, porque podem ser parecidos aos de outras doenças.

Fique atento(a) às informações e dicas ao longo da cartilha!



Primeiras notícias em 2022

A [Organização Mundial da Saúde](#) (OMS) foi notificada pelo Reino Unido sobre um caso confirmado de “monkeypox” no início de maio de 2022. Em dois meses, a “monkeypox” se espalhou por mais de 30 países. Com mais de 37 mil casos confirmados mundialmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu que o surto de varíola dos macacos configurava uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional (ESPII), durante Conferência para a imprensa internacional, em julho.

1. Fonte: [Cartilha da Justiça Federal do Amapá](#).

Como ocorre a transmissão?

- Contato direto com lesões de pele da pessoa infectada (inclusive contato íntimo)
- Contato direto com as secreções (contato próximo e prolongado)
- Contato com objetos e superfícies contaminadas (roupas, toalhas, lençóis)

Sinais e Sintomas

O principal sintoma da “monkeypox” é o aparecimento de erupções na pele, que geralmente se desenvolvem no rosto e se espalham para outras partes do corpo, incluindo os órgãos genitais. Podem aparecer outros sintomas como febre, dor de cabeça, dor no corpo, calafrios, exaustão e inchaço nos gânglios (íngua).



ATENÇÃO:

alguns sintomas podem ser causados por outras doenças, como gripe ou COVID. Em caso de aparecimento de sintomas, procure um serviço de saúde e não use medicamentos por conta própria.

Características das erupções na pele

Em casos recentemente detectados, há preponderância de lesões na área genital. A erupção passa por diferentes estágios, podendo se assemelhar com a catapora ou sífilis (ferida indolor), antes de finalmente formar uma crosta, que depois cai. A diferença na aparência da varicela ou da sífilis é a evolução uniforme das lesões².

Incubação

O período de incubação varia entre 5 a 21 dias, ou seja, depois de ter contato com o vírus e ser infectado, o tempo até aparecerem os primeiros sintomas pode variar entre 5 e 21 dias.

Transmissão pós-contato

O período de transmissão do vírus ocorre a partir do início dos sintomas, até o desaparecimento das crostas presentes nas lesões de pele.



IMPORTANTE:

As lesões na pele podem variar de pessoa para pessoa. Algumas iniciam como pequenas manchas vermelhas, outras parecem “pintas”, em certos casos podem estar mais presentes nas mãos e genitais, em outros podem aparecer em várias partes do corpo ao mesmo tempo. A evolução das lesões também pode variar de pessoa para pessoa.

2. Fonte: [Cartilha Prefeitura de Atibaia](#).



ATENÇÃO:

Não há paciente totalmente assintomático. Todas as pessoas contaminadas desenvolvem as lesões na pele, podendo variar a extensão e a gravidade delas.

Afinal, o que é estigma?

Erving Goffman (1982), sociólogo e escritor canadense, foi quem definiu o estigma como um processo de construção histórica e social que passou por muitas mudanças desde o tempo antigo até os dias atuais. Para os gregos antigos, estigma eram sinais corporais que enfatizavam alguma característica ruim e indesejável em certos indivíduos, e serviam para alertar outras pessoas sobre o perigo do contato. Já na era cristã, a ideia de estigma ganhou conotação positiva, sendo vista como marcas e sinais corporais que sinalizavam alguma graça de deus.

Contemporaneamente, a conotação é negativa, e alguns grupos são estigmatizados: características atravessadas por hierarquias sociais são tomadas como base para discriminação - ser negro, ser LGBTI+, ser uma pessoa com deficiência, ser imigrante, dentre outras.



Estigmas sobre sexualidades dissidentes

As primeiras notícias que surgiram sobre a “monkeypox” e sua disseminação, em 2022, destacavam que a maioria dos casos estava ligada à atividade sexual, provocando assim o debate sobre se a nova varíola poderia ser classificada como uma IST (infecção sexualmente transmissível) ou não.

Porém, a “monkeypox” foi gradualmente sendo reconhecida como o que de fato é: uma doença infecciosa de origem viral, capaz de atingir qualquer pessoa, independentemente de orientação sexual, identidade de gênero, práticas sexuais, idade, raça e etnia).

Algumas informações e notícias equivocadas ajudaram a fortalecer estigmas já existentes sobre determinados grupos, e ampliaram outros. Recomendações e posicionamentos por parte de veículos de imprensa e de organismos internacionais sobre a “redução de parceiros sexuais”, direcionada à homens que fazem sexo com homens, gays e bissexuais contribuíram, por exemplo, para o entendimento equivocado de que a “monkeypox” estaria restrita a determinado grupo. Esse cenário fez com que movimentos sociais e outras entidades internacionais que atuam no campo do HIV/Aids e dos direitos LGBTI+ a se manifestassem e buscassem informar corretamente a respeito da doença.

O que são sexualidades dissidentes?

Em nossa sociedade, apesar de todas as transformações no campo da garantia de direitos, ainda existe a noção de que o “normal” - referente a normas sociais - é ser homem ou mulher, e heterossexual. As sexualidades dissidentes, assim, seriam aquelas “diferentes” da norma, onde estão as pessoas LGBTI+: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, não binários, intersexos, e todas as demais possíveis variantes de expressão sexual e afetiva das pessoas.

É importante reforçar que, quanto mais soubermos sobre “monkeypox” e quanto mais informações corretas forem repassadas, mais qualidade terão os serviços de saúde, o fluxo dos atendimentos, o monitoramento de casos, e mais fácil será garantir estratégias de prevenção e cuidado para todas as pessoas.



Grupos Suscetíveis

Como já dissemos, a “monkeypox” pode atingir qualquer pessoa - independentemente de gênero, raça, orientação sexual e idade - que conviva por tempo prolongado no mesmo ambiente com uma pessoa infectada³. Apesar disso, existem grupos de pessoas que são mais suscetíveis à infecção pelo vírus, ou seja, que têm maiores possibilidades de contaminação, seja por questões de saúde se tiverem outras doenças, por alguns tratamentos que reduzem a imunidade, ou faixas etárias muito baixas, como crianças.

3. Fonte: [Card Ministério da Saúde](#).



VALE NOTAR:

o uso da expressão “grupos de risco” pode gerar compreensões equivocadas e estigmatizantes. Por esse motivo utilizamos expressões como “grupos mais vulneráveis” ou “grupos mais suscetíveis”.

Até o momento, são reconhecidos três grupos populacionais considerados de maior suscetibilidade para formas graves da “monkeypox”: crianças menores de 8 anos, pessoas imunossuprimidas (independente da causa) e gestantes. Estes grupos merecem maiores cuidados no manejo, desde o diagnóstico até o tratamento dos sintomas e após a cura.



Recomendações gerais

- Se houve contato com o vírus, a pessoa não tem sintomas, foi feito teste, com resultado negativo, pode ser suspenso o monitoramento médico;
- Se o resultado for positivo, é preciso fazer isolamento domiciliar por 21 dias, sem receber visitas, monitorando temperatura e evolução das lesões, quando presentes, e sempre informando a equipe médica de acompanhamento sobre o quadro;
- Em casos nos quais há presença de sintomas, e houve exposição ao vírus, se o teste der negativo, ainda assim é recomendado o isolamento domiciliar de 21 dias, e monitoramento de temperatura e lesões de pele, se houver. Repetir o teste é indicado se os sintomas continuarem;
- Se o teste for positivo, com sintomas, sobretudo em casos de gestantes, é recomendada a internação hospitalar para casos de moderados a graves e críticos.



Recomendações sobre “monkeypox” para gestantes, parto e após o parto sobre manejo e cuidado

Em agosto de 2022 o Ministério da Saúde do Brasil publicou uma Nota Técnica específica sobre “monkeypox”, abordando protocolos e condutas relativas à gestação, parto e pós-parto. A partir de recomendações da Organização Mundial da Saúde, a Nota Técnica traz informações sobre diagnóstico, cuidados com a pessoa gestante e o bebê, e uma série de protocolos a respeito de conduta pessoal e médica para os casos suspeitos ou confirmados.

A principal recomendação feita é sobre a importância de realizar o teste para varíola, e evitar possíveis novas exposições ao vírus, uma vez que a OMS reconhece a possível transmissão do vírus através da placenta ou durante o parto, além da amamentação, já que se trata de contato íntimo - se a mãe tiver lesões, por exemplo, poderá infectar o bebê.

No ambiente de trabalho, é importante estar atento à presença e circulação de pessoas gestantes e o possível contato com pessoas contaminadas, tomando os cuidados necessários para que as pessoas gestantes estejam seguras e protegidas contra eventuais riscos de exposição ao vírus.

Veja mais informações sobre os cuidados específicos sobre “monkeypox” para pessoas gestantes neste link: [Nota Técnica N° 46/2022-CGPAM/DSMI/SAPS/MS](https://www.gov.br/saude/pt-br/publicacoes/monitoramento/monitoramento-de-doenca/2022/08/nota-tecnica-no-46-2022-cgpam/dsmi/saps/ms).



Quando posso me vacinar contra a “monkeypox”?

Depois de termos atravessado o longo período de COVID-19, consolidamos coletivamente uma certeza: vacinas salvam vidas, são necessárias, e controlam a transmissão de muitas doenças, especialmente as virais. É natural então que venha a pergunta: existe uma vacina contra “monkeypox”? Quando eu posso tomar? Onde está disponível?

Já vimos no início desta cartilha que a “monkeypox” é um tipo de varíola diferente daquela que os países conheceram até os anos 1970, e que foi considerada erradicada. A varíola humana “comum” teve vacinas desenvolvidas, e boa parte das pessoas pelo mundo foi vacinada, até o início dos anos 1980.

E a “monkeypox”? Alguns testes foram desenvolvidos utilizando componentes da vacina para a varíola, e deram bons resultados. Até outubro de 2022, nos Estados Unidos, estavam em uso duas vacinas: ACAM2000 (uma versão moderna da antiga vacina contra a varíola humana) e Jynneos, ambas aprovadas após muitos testes, que demonstraram sua eficácia para a “monkeypox”. Os esquemas para aplicação recomendam duas doses, com intervalos de 28 dias entre a primeira e a segunda, e a pessoa estaria protegida contra o vírus depois desse período, após a segunda dose.

Os grupos prioritários escolhidos para receber a vacinação foram os mais suscetíveis, como homens que fazem sexo com homens, gays, bissexuais e profissionais de saúde, passando depois a vacinar todas as pessoas em locais com grande incidência de casos.



Mas e o Brasil?

Testes para a produção de uma vacina nacional foram iniciados em setembro de 2022, em laboratórios da Fiocruz no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, a partir de amostras virais recebidas dos Estados Unidos. Doses de vacinas estavam em processo de compra pelo governo federal, e, segundo as primeiras notícias a respeito, os grupos prioritários para vacinação seriam os profissionais de saúde e quem trabalha diretamente no atendimento ao público.

De acordo com o que foi noticiado, até dezembro as primeiras doses da vacina brasileira deveriam estar disponíveis para dar início à vacinação, chegando à população em geral durante o verão.

Até a vacina chegar, é importante se prevenir!



Quais são as dicas para se prevenir da “monkeypox”?

- Manter o uso de máscaras em lugares fechados, especialmente aqueles com muitas pessoas e pouco ventilados, e em ambientes de cuidados de saúde (clínicas, hospitais, laboratórios);
- Respeitar o afastamento de pessoas com sintomas, como febre, tosse, e lesões na pele, independente da extensão ou gravidade dessas lesões;
- Usar preservativos em todas as relações sexuais (oral, vaginal, anal), e ter cuidado para evitar contato com pele que tenha lesões ou com mucosas (neste caso, mesmo sem lesões);

- Observar a presença de lesões na área genital de parceiro sexual, de qualquer gênero. Se houver lesões, não continue o contato sexual;
- Em caso de sintomas ou contato com alguém que tenha suspeita de infecção por “monkeypox”, buscar o serviço médico, para ser avaliado, passar por diagnóstico clínico, e se for o caso, também realizar o teste;
- Manter o uso de álcool gel e lavar sempre as mãos com regularidade.



Orientações gerais para evitar a contaminação por “monkeypox” no ambiente de trabalho

- Se você for colaborador de uma empresa ou órgão público, e tiver certeza de ter ocorrido contato com alguém eventualmente infectado por “monkeypox”, comunique sua chefia imediata;
- No caso de algum colaborador apresentar sinais e sintomas compatíveis com a doença, o encaminhe ao serviço de saúde para que seja feito o diagnóstico;
- Recomende sempre que possível todos os colaboradores ao uso de máscaras faciais que cubram o nariz e a boca, especialmente em ambientes com muitas pessoas e pouca ventilação natural;
- Mantenha ambientes coletivos ou de uso comum, como banheiros e copas devidamente abastecidos de dispensadores de papel, sabão, papel toalha e, sempre que possível, prefira lixeiras com tampa e acionadas por pedal. Os lavatórios devem estar sempre funcionando plenamente;

- Tente manter os ambientes bem ventilados, privilegiando a ventilação natural, sempre que possível;
- Reforce a devida higienização dos ambientes e estações de trabalho, independente de haver algum colaborador afastado por ter testado positivo para a “monkeypox”; especial atenção aos sanitários, vestiários, refeitórios, maçanetas, barras, corrimãos de escadas, telefones, elevadores;
- Orientar profissionais de limpeza a que evitem o uso de vassouras ou espanadores, para não liberar partículas no ar, preferindo limpeza úmida. Recomende o uso contínuo de máscaras faciais, luvas sempre que possível, e óculos de proteção se for o caso.

As empresas devem, sempre que possível, estabelecer protocolos sanitários e sociais para condutas em caso de suspeita de infecção por monkeypox entre seus colaboradores, e como proceder em casos confirmados da doença, visando não estigmatizar, garantir o sigilo da pessoa, o devido encaminhamento aos serviços de saúde e acompanhamento enquanto durar seu afastamento, se for o caso. O acolhimento e todo o fluxo posterior de atendimento, tratamento e acompanhamento são responsabilidade do SUS, e devem estar disponíveis a todas as pessoas, independentemente de idade, gênero, classe e orientação sexual.



LEMBRE:

A orientação sexual e identidade de gênero de seus colaboradores deve ser mantida em sigilo a menos que ele próprio manifeste a vontade de ter reconhecida sua identidade e/ou orientação. Em caso de algum colaborador ter sido infectado pela “monkeypox”, trate sua condição com total privacidade, evitando assim discriminações e estigmatização no ambiente de trabalho.



Orientações gerais sobre como abordar a “monkeypox”

Como ocorre a transmissão?

- Veículos de comunicação e mídia devem buscar informações aprofundadas em mais de uma fonte, sendo estas fontes confiáveis e ligadas a órgãos oficiais no campo da saúde;
- Em caso de tradução de matérias divulgadas em veículos internacionais, observar sempre o contexto em que os dados foram produzidos/coletados, estabelecendo critérios para saber se são adequados, confiáveis e mesmo coerentes com o contexto brasileiro, evitando deste modo a propagação de notícias e informações que não cabem no cenário nacional, gerando mais dúvidas e pânico;
- Evitar o reforço a qualquer tipo de estigma, seja voltado à sexualidade, identidade de gênero, raça/etnia, idade, origem geográfica, em relação à “monkeypox” (e qualquer outra doença).



FIQUE ATENTO:

antes de compartilhar qualquer notícia, busque conhecer a fonte, de onde saiu a informação, se é verdadeira. Não compartilhe “fake news”, elas prejudicam todas as pessoas, principalmente quando são sobre questões de saúde.

Serviços de Saúde

- Os serviços de saúde devem, sempre que possível, oferecer formações continuadas e específicas/emergenciais aos seus quadros, sejam administrativos ou de atuação na ponta, como técnicos, enfermeiros e médicos, a respeito da nova varíola, acompanhando as descobertas e atualizações da comunidade médica e científica nacional e internacional, a fim de garantir um atendimento correto e seguro a todas as pessoas, desde a entrada até a saída do serviço;
- Registros de casos suspeitos e confirmados precisam estar no fluxo dos registros formais de pacientes, a fim de que possam subsidiar boletins epidemiológicos precisos e capazes de embasar campanhas de prevenção e estratégias para políticas públicas de saúde mais eficazes em casos de doenças virais de fácil transmissão;
- É importante investir na elaboração de protocolos de atendimento que respeitem identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e origem dos pacientes, evitando posturas discriminatórias, excludentes e estigmatizantes;
- Vale atentar para a necessidade de manter atualizados os campos específicos em sites oficiais de secretarias de saúde para informar sobre a “monkeypox”, com dados, prevenção, sintomas, orientações sobre o que fazer se tiver contato com o vírus, como tratar, onde buscar ajuda, como informar empregadores, instituições de ensino e redes de sociabilidade, inclusive familiares;
- É fundamental o estabelecimento e o aprofundamento do diálogo entre os órgãos reguladores de saúde e sociedade civil, garantindo a troca de expertises, elaboração de estratégias de prevenção e acompanhamento, formação de quadros técnicos, realização de oficinas e rodas de discussão em parceria.



ATENÇÃO:

se você buscar atendimento em serviços de saúde, saiba que você tem direito a um tratamento digno, humanizado, profissional e dentro dos protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde, independente de sua identidade de gênero, idade, orientação sexual, raça e origem.

Comunidade LGBTI+

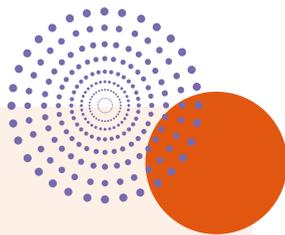
- Caso seja encaminhado para um serviço especializado, sendo uma pessoa LGBTI+, reporte ao ambulatório, clínica, centro de referência como foi seu atendimento no serviço original de atenção básica em saúde. Isso ajuda a qualificar o fluxo de atendimento em todas as áreas da saúde;
- Em caso de suspeita de contaminação, sempre que possível e quando se sentir confortável e seguro, declare sua orientação sexual e suas práticas sexuais no atendimento de saúde e afirme seus direitos quanto a um tratamento digno e não estigmatizante. A declaração de orientação sexual e práticas quando da eventual infecção pelo vírus da nova varíola auxilia os serviços de saúde a mapear a incidência e prevalência de casos, a elaborar boletins epidemiológicos e estatísticas confiáveis, que poderão fomentar o estabelecimento de políticas públicas mais eficazes;

- Se você é parte de um grupo ou movimento ativista ou caso você queira colaborar para a disseminação de informações corretas sobre o vírus, busque falar e divulgar informações precisas sobre “monkeypox” sempre que possível. A participação em oficinas e atividades de formação e as informações contidas nesta Cartilha e em outros materiais mencionados neste documento também podem ajudar no correto tratamento da doença por toda a sociedade.

Cuidando de si e de todas as pessoas

- Se testemunhar, em qualquer ambiente, práticas discriminatórias envolvendo a nova varíola e orientação sexual, sempre que possível, denuncie, mesmo que seja à ouvidoria ou setor responsável, valendo para empresas, universidades, escolas, serviços de saúde, hospitais, estabelecimentos comerciais;
- Se houver teste disponível em seu serviço de saúde de referência, e haja suspeita de infecção por “monkeypox”, faça o teste e siga as orientações a partir disso;
- Quando houver protocolos para vacinação, obedecendo os grupos prioritários que certamente serão anunciados, vacine-se de acordo com o esquema vacinal recomendado. Vacinas salvam vidas e evitam a propagação de doenças!

Para lembrar & informar



FALSO:

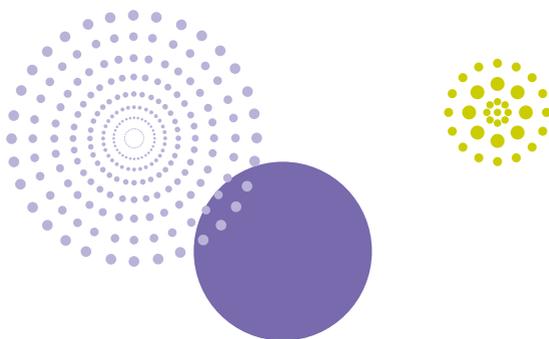
- ✘ “Monkeypox” é uma doença que vem dos macacos.
- ✘ A “monkeypox” é uma doença transmitida apenas por relações sexuais.
- ✘ A “monkeypox” é uma “doença gay”, se sou heterossexual não preciso me preocupar.
- ✘ Meu amigo teve “monkeypox” e eu também, mas os sintomas foram diferentes. Logo, tivemos doenças diferentes.
- ✘ Meu teste deu positivo e o médico disse para ficar em casa, isolado por 21 dias. Se estiver sem sintomas e me sentindo bem, posso sair para ir à uma festa.
- ✘ Já tive “monkeypox” e estou curado. Isso quer dizer que estou imunizado e não corro mais o risco de contrair o vírus.
- ✘ Se eu convivo outras condições de saúde ou doenças, como HIV/Aids ou câncer, e faço tratamento, não vou me infectar com “monkeypox”.
- ✘ Já faço tratamento para o HIV, então estou protegido da “monkeypox”.
- ✘ Se a pessoa não tem lesões na pele posso manter relações sexuais sem o uso de preservativo.
- ✘ Para reduzir a presença da “monkeypox” na população basta que gays, bissexuais e outros HSH reduzam o número de parceiros sexuais.



VERDADEIRO

- ✓ Apesar do nome, a “monkeypox” é transmitida entre seres humanos, de uma pessoa infectada para outra.
- ✓ A via sexual é **UMA** das formas de transmissão do vírus da “monkeypox”, mas ele pode ser transmitido pelo contato com secreções, pele com lesões, contato com mucosas, da gestante para o feto durante a gravidez e pelo contato com superfícies infectadas.
- ✓ Não existem doenças “gays” ou “heterossexuais”. O vírus da “monkeypox” não escolhe quem vai infectar por identidade de gênero, orientação sexual, idade, raça, origem. **QUALQUER PESSOA QUE TENHA CONTATO COM O VÍRUS PODE SER INFECTADO E TER “MONKEYPOX”.**
- ✓ Cada pessoa é diferente da outra, e isso também vale para o modo como reagem a doenças. Pessoas podem ter a mesma doença que amigos ou familiares, e nem sempre terão os mesmos sintomas. Apenas o teste e avaliação médica podem dizer com certeza o diagnóstico e como agir depois dele.
- ✓ A transmissão da “monkeypox” acontece durante pelo menos 21 dias, mesmo se você estiver sem sintomas, sem lesões na pele e sem febre. Por isso, a recomendação do isolamento deve ser obedecida, para evitar que você infecte outras pessoas, e também pelo bem de sua própria saúde.
- ✓ Ter tido “monkeypox” e ter se curado não significa estar imunizado. É possível ter “monkeypox” mais de uma vez, com o risco de, em caso de nova infecção, os sintomas serem piores, podendo chegar à forma grave da doença.

- ✓ Cada condição de saúde ou doença é única, e qualquer pessoa, tendo ou não outras patologias, pode contrair o vírus da “monkeypox”. Mais do que isso: se você faz tratamento para o câncer, com quimioterapia, por exemplo, sua imunidade já é menor, assim como pessoas que vivem com HIV, tornando você mais suscetível a outras doenças. E a “monkeypox” pode ser agravada se você já tiver doenças anteriores a ela.
- ✓ HIV e “monkeypox” implicam condições de saúde que demandam tratamentos diferentes e específicos.
- ✓ O uso de preservativos é recomendado em qualquer relação sexual por diferentes motivos. Na “monkeypox” a transmissão independe da existência de lesões na pele ou genitais, se dando por fluidos, secreções e contato com mucosas.
- ✓ A “monkeypox” é altamente transmissível e a multiplicidade de parceiros sexuais, independentemente da orientação sexual dos envolvidos, aumenta as chances de contato com o vírus e de disseminação da doença na população.



Referências e Dicas Úteis



Disque saúde  **123** Ouvidoria Geral do SUS - Ministério da Saúde.

Relatório de Pesquisa:

[Relatório Instituto Matizes sobre a chegada da “Monkeypox” ao Brasil](#)

Sites de referência:

[Ministério da Saúde](#) - Governo Federal

[Campanha de Enfrentamento à Variola dos Macacos](#) -
Ministério da Saúde - Governo Federal

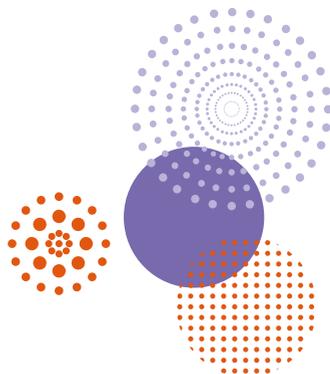
[Fundação Oswaldo Cruz](#): uma instituição a serviço da vida

Documentos Oficiais:

[PLANO DE CONTINGÊNCIA NACIONAL PARA MONKEYPOX:](#)

Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública: COE
Monkeypox

Card Situação Epidemiológica de Monkeypox no Brasil nº 09 SE 30
- 27-07-22. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svs/resposta-a-emergencias/sala-de-situacao-de-saude/sala-de-situacao-de-monkeypox/atualizacao-dos-casos-no-brasil>





Laboratórios para teste:

O atendimento para os casos suspeitos de infecção vem sendo realizado em toda a rede municipal de saúde, como Unidades Básicas de Saúde (UBSs), prontos-socorros e prontos atendimentos da capital. - [Prefeitura Municipal de São Paulo](#)

Deteção de varíola de macacos, PCR em tempo real, Vários Materiais - [Grupo Fleury](#)

[Laboratório](#) Central de Saúde Pública de São Paulo/Instituto Adolfo Lutz (LACEN/IAL-SP)

[Laboratório](#) de Biologia Molecular de Vírus do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e Laboratório de Virologia Molecular do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LBMV/IBCCF/UFRJ e LVM/IB/UFRJ)

[Laboratório](#) de Enterovírus da FIOCRUZ-RJ; Laboratório Central de Saúde Pública de Minas Gerais/Fundação Ezequiel Dias (LACEN/FUNED-MG)

[Laboratório](#) Central de Saúde Pública do Distrito Federal (LACEN/DF); Rio Grande do Sul (LACEN/RS); Bahia (LACEN/BA); Goiás (LACEN/GO); Santa Catarina (LACEN/SC); Ceará (LACEN/CE); Pernambuco (LACEN/PE); Paraná (LACEN/PR); Espírito Santo (LACEN/ES)

[Laboratório](#) de Referência Regional em Enterovirose/Polio-PFA/Seção de Virologia/Instituto Evandro Chagas/SCTIE/MS-PA

[Instituto](#) Leônidas e Maria Deane/FIOCRUZ-AM

REALIZADOR



Instituto
Matizes

PARCEIROS



FÓRUM DE EMPRESAS
E DIREITOS LGBT+



Fundo de População
das Nações Unidas

APOIO



Grupo **Fleury**